

ENSAI
FOTOGRAFIC

ENSAIO
FOTOGRAFICO

SOB O REGI
DAS ÁGUAS: ESTÉTICAS
TRADIÇÃO E DA MODERNID
NAS CONSTRUÇ
S MARGENS DO RIO MAPUÁ,
RQUIPÉLAGO DO MARAJÓ, P

SOB O REGIME
DAS ÁGUAS: ESTÉTICAS DA
TRADIÇÃO E DA MODERNIDADE
NAS CONSTRUÇÕES
ÀS MARGENS DO RIO MAPUÁ, NO
ARQUIPÉLAGO DO MARAJÓ, PARÁ

DIONE DO SOCORRO SOUZA LEÃO

FABIANO DE SOUZA GONTIJO

ELIANE MIRANDA COSTA

Cercado por florestas nativas, com águas escuras e frias que levam a várias comunidades espalhadas por toda a sua extensão, o Rio Mapuá, no meio do Arquipélago do Marajó, município de Breves no Pará, é um dos mais ricos em sociobiodiversidade. As centenas de construções existentes em suas margens revelam uma arquitetura fortemente marcada por padrões culturais herdados dos europeus colonizadores em cruzamento com os saberes e fazeres dos mais diversos grupos indígenas que habitavam o local desde milhares de anos atrás. O objetivo desse ensaio fotográfico é apresentar traços dessa arquitetura marcada por diferentes modos de viver de pessoas que, *sob o regime das águas*, em tempos de cheia e seca, souberam se relacionar, ao longo dos séculos, com o meio ambiente, moldando paisagens e moldando-se às paisagens. As fotografias selecionadas são o resultado de uma viagem, com fins etnográficos, realizada pelo Rio Mapuá em maio de 2015 pelos/as discentes do curso do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Email: dione.breves@hotmail.com

Email: fgontijo@hotmail.com

Email: elyany2007@hotmail.com



Figura 1 – A escola-padrão da vila Nsra. de Nazaré relembra a arquitetura europeia nos Trópicos caribenhos presente também nas construções de muitas moradias da região do Rio Mapuá. As inúmeras salas de aula da escola atendem às crianças das mediações na modalidade do ensino infantil ao médio e disponibiliza o acesso à internet aos professores e alunos.



Figura 2 – As moradias tradicionais dos moradores do Mapuá também são construções fortemente marcadas pela influência indígena, evidenciadas principalmente na utilização de matérias-primas retiradas das florestas como a madeira para erguer a estrutura principal (esteios) e a palha de ubussú para a cobertura.



Figura 3 – Em outras moradias das florestas, a tecnologia representada pela antena parabólica traz elementos para a reflexão sobre a relação entre o local e o global. As novas tecnologias, de acordo com os moradores, introduziram outras modalidades de entretenimento e abrandou o cotidiano de trabalho baseado no extrativismo e no corte de madeira.



Figura 4 – Nas construções das casas de forno erguidas nas margens de rios ou nos quintais das moradias, podemos perceber momentos de intensas sociabilidade nas reuniões para o preparo do alimento base da população local: a farinha de mandioca, quando familiares e vizinhos compartilham além da força de trabalho, modos de agir, sentir e pensar no arquipélago de Marajó.



Figura 5 – Moradia improvisada na floresta, usada para o período de caça. Por toda a região, há dezenas delas, são chamadas pelos moradores de *tapiri*. Devido à distância entre o local de caça e suas residências permanentes, o *tapiri* serve para os momentos de descanso, refeições ou ainda para rever as estratégias de captura dos animais.



Figura 6 – Casarão de dois andares localizado na comunidade Santa Rita, construído no contexto de retomada das negociações com a borracha no mercado internacional durante a II Guerra Mundial na década de 1940. Na atualidade é uma casa comercial de gêneros variados destinados as necessidades básicas da comunidade.



Figura 7 – Ao lado das casas, destaca-se ainda as construções de pequenas serrarias familiares. Embora tenha ocorrido a desaceleração da extração da madeira e beneficiamento na região há mais de duas décadas, essa prática ainda é responsável pela geração de renda de dezenas de famílias do rio Mapuá, sendo comum a existência de um grande número delas em toda sua extensão.



Figura 8 – A representação da pequena Igreja Católica na Vila Amélia demarca um momento histórico para o município de Breves: as negociações de paz entre o Padre Jesuíta Antônio Vieira e o Cacique Piyé Mapuá no séc. XVII que resultou na liberação do livre tráfego das canoas dos colonizadores pelos estreitos de Breves, o acesso ao Rio Amazonas e a dominação europeia sobre os povos indígenas do Marajó. No local também está o cemitério indígena mais antigo da região.

